



A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E DA ESCRITA NA TRADIÇÃO RELIGIOSA JUDAICA

Estima-se que os hebreus iniciaram o registro de sua história a partir do segundo milênio antes da Era Comum. Os preceitos espirituais do judaísmo baseiam-se em narrativas que compartilham os ensinamentos obtidos a partir de diálogos entre Javé e os patriarcas desse povo, Abraão, Isaque e Jacó. Com o surgimento do alfabeto — a palavra grega para as duas primeiras letras hebraicas, *alef* e *bet* — foi possível codificar e transmitir esses preceitos divinos para um maior número de pessoas (KATZ; KAHANE; BROCHI, 1968).

Como consequência desse registro escrito, surgiu a compilação de todos os textos sagrados do judaísmo, conhecida como *Tanakh*. A palavra é um acrônimo, que indica a divisão interna dos textos sagrados. *Ta* indica Torá, que são os cinco livros do Pentateuco, ou os livros de Moisés. *Na* está para *Nevi' im*, que são os livros dos profetas. *Kh*, por fim, é para *Ketuvim*, que são todos os livros históricos e poéticos. Porém, de todos esses, são os escritos da Torá que formam o núcleo da vida religiosa judaica (KATZ; KAHANE; BROCHI, 1968).

A palavra escrita sempre teve suma importância nessa tradição religiosa. As tábuas contendo a Lei divina que Moisés recebeu de Javé no Monte Sinai eram as principais relíquias que compunham os tesouros da Arca da Aliança. A Arca, contendo esses artefatos, era guardada em um salão, no Templo de Salomão, chamado Santíssimo Lugar. Versões escritas da Lei mosaica, em pergaminho, podem ter surgido em época posterior (KATZ; KAHANE; BROCHI, 1968).



Figura 1

ARCA DE TORÁ

Norte da Itália
1701

Madeira entalhada e folheada a ouro
Jerusalém: Museu de Israel (IL)

Com a destruição do Segundo Templo e o subsequente saque dos seus tesouros no ano 70 d.C., as comunidades judaicas em diáspora adaptaram-se para manter suas cerimônias. As sinagogas ganharam importância como local de culto e passaram a contar com cópias da Torá em forma de pergaminho, guardadas em uma arca (Fig. 1) que deveria estar em uma parede voltada para Jerusalém. Estabeleceu-se que, por três vezes ao dia, um mínimo de dez homens judeus, maiores de 13 anos, se reuniriam ali para orar, sob a liderança de um rabino ou leigo. Orações especiais eram ditas no *Shabbat* e porções da Torá eram lidas pela congregação (KATZ; KAHANE; BROCHI, 1968).

Desde esse tempo, os livros representam o bem mais precioso de um judeu. As mudanças forçadas de território e o saque constante de seus bens de valor fizeram com que as comunidades judaicas em diáspora valorizassem os manuscritos como a própria vida. Por conta disso, um grande número de pergaminhos, rolos e livros, muitos contendo ilustrações e caligrafias iluminadas, sobreviveu com o passar dos séculos. Objetos litúrgicos, geralmente feitos de ouro ou prata, não resistiam à ganância dos algozes (KANOF, 1970).

A posterior tradição talmúdica atribui o poder divino da criação às letras do alfabeto hebraico. Foi pelo poder da palavra que Javé formou o mundo em sete dias, e é pela palavra ele transmite a sua vontade ao povo escolhido. A caligrafia hebraica desenvolveu-se de tal forma que harmoniza, com destreza, as características semânticas e pictográficas das palavras e das letras. Como diz o historiador da arte judaica Franz Landsberger, "o judeu apreciava ler e visualizar, ao mesmo tempo" (KANOF, 1970, p. 65, trad.).

Por isso os judeus, como os praticantes das demais religiões monoteístas, são chamados de Povo do Livro. E sempre que podiam, incrementavam o ritual da leitura com paramentos que aprofundassem sua conexão com o divino.



Figura 2

MANTO DE TORÁ COM ORNAMENTOS

Afeganistão
século XX

Madeira, lã, seda e metais preciosos
Jerusalém: Museu de Israel (IL)

A PLACA DE TORÁ DA COLEÇÃO EVA KLABIN

A leitura da Torá, nas sinagogas, sucede a cerimônia do *Shaharit* de *Shabat*, a oração matutina do dia santificado. A arca, onde se guarda o rolo da Torá, é aberta pelo cantor da sinagoga, que é encarregado de revelar os rolos para a congregação. O rolo (Fig. 2) é vestido por um manto de onde saem duas hastes de madeira pelas quais o pergaminho é enrolado. Elas são denominadas *etz hayyim* (árvore da vida). Sobre essas hastes podem aparecer botões de acabamento, geralmente de metal precioso, ou em forma de coroa (*rimon*). O manto da Torá pode ser decorado com uma grande coroa (*keter Torah*), que é fixada acima de tudo. Na parte da frente desse tecido há uma pequena placa, ou escudo preso por uma corrente, chamado *tas* (KANOF, 1970).

As placas de Torá (tas) são peças recentemente incorporadas como elemento da apresentação do texto sagrado nas sinagogas. São também chamadas de "peitoral", em alusão ao paramento utilizado pelo sumo sacerdote do Templo de Jerusalém, conforme estabelecido nos textos bíblicos. As primeiras peças feitas com essa função, de decorar o manto, surgem por volta do século XVII (KANOF, 1970).

As bordas das placas geralmente representam Moisés e Arão, patriarcas da tradição rabínica. Podem trazer também, em substituição à figura dos patriarcas, dois pilares representando aqueles que adornavam a entrada do Templo de Salomão. No centro da placa se inscreve uma miniatura da arca das sinagogas, cujas portas possuem o formato das tábuas da lei mosaica (KANOF, 1970).



Figura 3

PLACA DE TORÁ

Século XVIII

Prata gravada e repuxada

Rio de Janeiro: Casa Museu Eva Klabin (BR)

Entre os diversos itens de arte judaica em exibição na Casa Museu Eva Klabin, destaca-se um belo exemplar de *Tas* (Fig. 3). O centro é decorado com as tábuas da lei mosaica, onde se inscrevem os dez primeiros mandamentos. As tábuas são ladeadas por um par de leões, em posição rampante e reguardada. O animal é um tradicional símbolo da tribo de Judá, de onde virá o Messias. Os leões seguram, com as patas dianteiras, uma majestosa coroa. Percebe-se também um par de pilares ladeando a composição, cada um portando uma abundante cesta de flores e frutos. Essa seria uma alusão àqueles pertencentes ao Templo de Salomão.

O Tas da CMEK possui ainda uma interessante característica. Abaixo de todo o conjunto, há uma pequena placa de prata onde se lê, em hebraico, a palavra Pessach. A presença desse artefato poderia indicar que o Tas só deveria ser usado durante a Páscoa judaica, mas não parece ser assim. Essas placas são removíveis, e a peça possui um compartimento para guardar diversas delas. As que estão disponíveis, para o Tas da CMEK, indicam outras festividades judaicas, como o Rosh Hashaná (Ano Novo), o Yom Kippur (Dia do Perdão), o Shavuot (Pentecostes), o Sukkot (Festa dos Tabernáculos) e o próprio Shabbat. É provável que essas placas auxiliassem ao leitor da Torá, e também à congregação, a lembrarem a ocasião pela qual fariam a leitura do texto sagrado (KATZ; KAHANE; BROCHI, 1968).

A peça da CMEK possui, em toda a sua decoração, os elementos iconográficos comuns aos *Tas* judaicos. Para fins de comparação, destacaremos três peças do acervo do Museu Judaico de Nova Iorque. A primeira (Fig. 4), onde se lê *Shabbat*, e a segunda (Fig. 5), onde se lê *Rosh Hashaná*, apresentam os mesmos motivos iconográficos encontrados na peça da CMEK. Uma terceira (Fig. 6), onde se lê



Figura 4
JOHANN CHRISTIAN SAMUEL KESSNER
(1774-1854)
Escudo de Torá
c 1819-1854
Prata modelada e gravada
Nova Iorque: Museu Judaico (US)



Figura 5
ESCUDO DE TORÁ
Alemanha
c 1880-1881
Latão e prata gravada
Nova lorque: Museu Judaico (US)



Figura 6
JOHANN GOTTLOB BÖTTIGER
(atribuição)
Escudo de Torá
c. final do século XVIII
Prata modelada e gravada
Nova Iorque: Museu Judaico (US)

Shavuot, pode ser tomada como um exemplo de variação iconográfica sobre o tema. No lugar dos pilares, aparecem, à esquerda, a figura de Moisés, portando as tábuas da Lei, e à direita a figura de Arão, trajado com os paramentos de sumo sacerdote.

OUTRAS PEÇAS RELACIONADAS À LEITURA DA TORÁ

A cerimônia pública da leitura da Torá é marcada por rituais e elementos simbólicos que exaltam o seu caráter solene e espiritual. Além da placa de Torá, outros utensílios e adornos estão presentes nessa cerimônia, e conhecê-los oferece uma oportunidade ímpar de imergir na cultura religiosa judaica e de conhecer a artesania de sua arte cerimonial.

As tradições judaicas na Itália, no norte da África e do Oriente optavam por guardar os rolos da Torá em grandes caixas de prata ou de madeira adornada com metais preciosos. Esta seria uma forma de mesclar as influências estilísticas entre as comunidades judaicas espalhadas pela bacia do mar Mediterrâneo (KATZ; KAHANE; BROCHI, 1968). O exemplar em questão (Fig. 7) foi feito na França, no ateliê do joalheiro Maurice Mayer, considerado o joalheiro de Napoleão III. Nela, Mayer insere a tradição iconográfica dessas comunidades, dentro do estilo decorativo do Segundo Império francês.



Figura 7

MAURICE MAYER (?)

Caixa de Torá

c. 1870

Prata, madeira e têxteis

Nova lorque: Museu Judaico (US)



Figura 8

RIMONIM

Iraque

c. 1742

Prata gravada,

estampada e dourada

Jerusalém:

Museu de Israel (IL)



Figura 9
LUDWIG YEHUDA
WOLPERT (1900-1981)
Rimonim
c. 1965
Prata
Nova lorque:
Museu Judaico (US)



Figura 10
PONTEIRO DE TORÁ
Provavelmente região
da Galícia (atual Polônia
e Ucrânia), fim do
século XVIII e início do
século XIX
Prata moldada e gravada
Nova Iorque:
Museu Judaico (US)

O rimon (pl. rimonim) é o adorno mais proeminente do conjunto que recobre a Torá. É feito em pares, e pode ser visto no topo de cada etz hayyim, a haste de madeira que enrola o pergaminho sagrado. A palavra rimon significa "romã", e alude aos adornos utilizados pelo sumo sacerdote do Templo. Geralmente traz pequenos guizos (KATZ; KAHANE; BROCHI, 1968). Os exemplares do Museu de Israel (Fig. 8) foram produzidos no Iraque. São uma herança da arte judaica inserida nas comunidades islâmicas do Oriente Médio. Os tradicionais padrões geométricos islâmicos se misturam com adornos em forma de folha. Peças mais recentes, como a do Museu Judaico de Nova Iorque (Fig. 9) tendem a simplificar os padrões e adornos, deixando-as mais funcionais.

O ponteiro de Torá (Fig. 10) é um objeto utilizado para auxiliar o leitor do texto sagrado a não se perder entre as linhas do pergaminho. É chamado em hebraico de *Yad*, que significa, literalmente, "mão". Tais ponteiros são esculpidos em ouro ou prata, e têm a forma de uma mão fechada com o dedo indicador apontado. Recentemente, a forma costumeira, anteriormente descrita, foi substituída por padrões mais modernos, embora os ponteiros continuem sendo feitos com materiais nobres (Fig. 11). É um objeto que enfatiza a sacralidade do ato da leitura, onde a mão nua é indigna de tocar no pergaminho que traz a palavra de Javé (KATZ; KAHANE; BROCHI, 1968).



Figura 11

MOSHE ZABARI
(1935)

Ponteiro de Torá
c. 1967

Prata

Nova Iorque:

Museu Judaico (US)

BIBLIOGRAFIA

KANOF, Abram. *Jewish Ceremonial Art and Religious Observance*. Nova Iorque: Harry N. Abrams, Inc., 1970. KATZ, Karl; KAHANE, P.P.; BROCHI, Magen. *From the Beggining: Archeology and Art in the Israel Museum, Jerusalem*. Londres: Weindenfeld & Nicolson, 1968.

TREASURES OF THE ISRAEL MUSEUM IN JERUSALEM. Jerusalém: The Israel Museum, 1985.